

Da Lapa boêmia à Lapa reificada como lugar do espetáculo: Uma análise de dois períodos da história da produção do lugar na cidade do Rio de Janeiro.

Flavio Sampaio Bartoly
Doutorando em Geografia
Universidade Federal Fluminense – Brasil
Email: flaviosbartoly@yahoo.com.br

Resumo

Este trabalho tem o objetivo de construir a idéia de “lugar do espetáculo” a partir de sua verificação no caso da Lapa, na área central da cidade do Rio de Janeiro. Pretendemos transformar esta noção em um conceito tributário do processo gerado pela “Sociedade do Espetáculo”, que utiliza os fatores subjetivos que transformam o local em lugar para gerar uma ampliação de lucros. Alguns projetos de “revitalização” de áreas urbanas tradicionais, como a Lapa, transformam-se, predominantemente, em uma montagem de “cenários típicos” para atrair o turismo. A idéia do “espetáculo” é aquela produzida pelos Situacionistas nos anos 1950. Os objetivos específicos são: fazer uma análise comparativa da Lapa do período (1910 - 1940) áureo da boemia e da Lapa atual (a partir de 1990) e provarmos que o bairro, atualmente, é predominantemente um “lugar do espetáculo”, além de demonstrar a importância do lugar para a compreensão da organização das cidades. O levantamento bibliográfico terá continuidade. Realizaremos entrevistas com frequentadores e moradores, além de observações participativas. Não estabeleceremos uma delimitação da área da Lapa baseada em critérios administrativos. Seguiremos os textos pretéritos e as impressões do que acontece hoje. Os limites vividos e as forças de representação serão predominantes nesta pesquisa.

1. INTRODUÇÃO

Atualmente, a Lapa apresenta-se como uma das principais opções de diversão para moradores e turistas na cidade do Rio de Janeiro. O tradicional bairro¹ agrega em sua noite, especialmente nos fins de semana, um público cada vez maior, composto em sua maioria por jovens. Apesar da longa decadência, que atingiu duramente o seu “mito boêmio”, a história do bairro dos arcos permaneceu viva no imaginário carioca. As características de malandragem, musicalidade e criatividade, atribuídas correntemente ao carioca, em grande parte, vieram da Lapa dos anos 1930. O que nos chama a atenção na “revitalização” da Lapa, é exatamente o papel fundamental que exerce “a alma do lugar”.

Na Lapa, a “imoralidade” da boemia foi reprimida pelo Estado varguista na década de 1940. O longo período de decadência que se seguiu foi interrompido em fins dos anos 1990. O potencial histórico fez com que o bairro se apresentasse como mais uma área promissora a ser ocupada pelas grandes empresas de gastronomia e diversão, que também operam na Barra da Tijuca e na Zona Sul. No fim dos anos 1990², a Lapa “renasceu”. Deve-se perceber, entretanto, que esta “nova vida” não adveio de um movimento dos moradores ou de cariocas que pretendiam resgatar o bairro. A Lapa renasceu para uma “outra vida”. Os bares e restaurantes, a música, os frequentadores, em geral, não representam a imagem ou a história da Lapa “tradicional”. Nem deveriam, já que aquela “antiga” Lapa era um conjunto de representações dialéticas de seu tempo. Todavia, nos parece que os comerciantes, entre outros agentes interessados, vendem a boemia de hoje sob o invólucro de ontem. Cunham (ou deturpam) o termo “alternativo”, como alusivo ao fato de que o jovem estará em um ambiente que representa genuinamente o Rio de Janeiro, que possui “raiz”, que não é produzido previamente para gerar um determinado movimento, uma determinada moda e um lucro cada vez maior³. Para aquele que quer “emancipar-se

¹ Oficialmente, a Lapa não possui status de bairro. Todavia, com o sucesso dos empreendimentos ali implantados, a Prefeitura já manifestou o interesse em “efetivá-la”, 2009.

² Este processo teve início nos anos 80, com o “Circo Voador”, paradoxalmente um local em que a juventude da época se reunia, predominantemente, para shows de rock, um gênero musical nada tradicional na cidade.

³ “Os lugares de lazeres, assim como as cidades novas, são dissociados da produção, a ponto dos espaços de lazeres parecerem independentes do trabalho e “livres”(…)Tais lugares, aos quais se procura dar um ar de liberdade

das bases materiais da vida invertida” (DEBORD, 1997, pg.141) e de seus espaços projetados como shoppings, condomínios e restaurantes em “bairros ricos”, a Lapa seria uma alternativa totalmente adequada (ou enquadrada?).

Verifica-se uma apropriação do mito da boemia da Lapa, que está se tornando uma marca, uma grife. É exatamente a este processo que pretendemos associar e, a partir dele construir, o conceito de “lugar do espetáculo”. “No caso específico do Rio de Janeiro, os movimentos de preservação, desde seu surgimento como prática urbana na década de 1980, já ocorrem associando à questão cultural e patrimonial a necessidade de dinamização econômica” (MOREIRA, 2004, pg. 79).

O lugar do espetáculo é montado a partir de uma imagem-síntese, de um cartaz em que está escrito: “Aqui você saberá o que é ser carioca, ser malandro e gostar da boemia. Você está na Lapa”. Ou seja, já está dito a que tipo de experiência você estará exposto e até como você deve se sentir.

“...uma série de imagens, de atitudes predeterminadas com variações mínimas, que reproduzidas rapidamente constituem uma cena estamos condenados a “manter as aparências” no domínio do inautêntico. Cada papel preenche como uma estopa inconsistente o vazio deixado pela expulsão do eu e da verdadeira vida. A busca de identidade transforma-se em identificação, ou seja, o homem torna-se estranho aos seus próprios desejos e é alojado no espetáculo. Quanto mais pobre é a vida cotidiana, mais o inautêntico se torna atraente” (VANEIGEM, 2002, pg.150).

2. OBJETIVOS / METODOLOGIA

Desse modo, estamos propondo a construção da idéia de “lugar do espetáculo”, a partir de sua verificação no caso da Lapa. Pretendemos transformar esta noção em um conceito tributário do processo gerado pela “Sociedade do Espetáculo”, que utiliza os fatores subjetivos que transformam o local em lugar para gerar um movimento de ampliação de seus lucros⁴. Alguns projetos de “revitalização” de áreas urbanas tradicionais e degradadas, a montagem de cenários “típicos” para atrair o turismo com

e de festa, que se povoa de signos que não têm a produção e o trabalho por significados, encontram-se precisamente ligados ao trabalho produtivo” (LEFÉBVRE, 2008, p. 49).

⁴ “...conteúdo cultural ideologicamente comprometido(...)Fruto de uma razão instrumental, a indústria cultural impede a formação de indivíduos autônomos, independentes, capazes de julgar e de decidir conscientemente” (FABIANO, in: DURÃO et al. 2008)

base em identidades e construções sociais pretéritas, podem exemplificar de modo geral, neste primeiro momento, do que pretendemos tratar como “lugar do espetáculo”. Assim, esta pesquisa (**em estágio inicial**) tem como objetivo geral, contribuir para a construção de uma dimensão do lugar (o “lugar do espetáculo”) que amplie o desenvolvimento do conceito aplicado aos estudos urbanos. Como objetivo específico, queremos provar que a Lapa, atualmente, se define predominantemente como um “lugar do espetáculo”.

Esperamos contribuir também com a ampliação da participação da geografia nos debates a cerca do “...uso do “histórico” (...) e da apropriação da intervenção urbana pelo mercado” (MOREIRA, 2004, pgs. 79 & 88) na cidade contemporânea. Abordar a teoria do espetáculo através de uma perspectiva geográfica se apresenta, ao mesmo tempo, como um desafio e uma oportunidade de contribuir com a ampliação da participação do discurso geográfico em temas relevantes das ciências sociais. Acreditamos que a idéia do “lugar do espetáculo” poderá ser útil para entendermos como as histórias de determinados espaços são apropriadas, transformadas em estereótipos e vendidas⁵.

Propomos uma análise comparativa de dois períodos da Lapa. O primeiro, é o período 1910 - 1940, relativo à confluência de políticos, intelectuais, artistas, estudantes, bandidos, imigrantes e prostitutas para o bairro, e que com suas vivências, produziram, ao mesmo tempo, uma forte ligação afetiva com a Lapa.

“A partir de 1910, a Lapa tinha dupla personalidade: as residências familiares misturavam-se às pensões das decaídas, embora estas de portas fechadas (...) A partir de 1915, as ruas adjacentes – Conde de Laje, Taylor, Joaquim Silva, bem como o decantado Beco dos Carmelitas – começam a infestar-se de casas suspeitas (...) uma Lapa de crimes passionais, de boemia desenfreada, de malandragem, de desordeiros perigosos e prostituição em alta escala” (DAMATA, 1978, pg.10).

Através dos textos produzidos por Vinícius de Moraes, Carlos Drummond de Andrade, Lima Barreto, Manuel Bandeira, João do Rio, entre muitos outros, pode-se notar a magia que permeou o bairro. “Aí por 29, a Lapa atingiria a sua plenitude. Seu apogeu compreende o período 1930-1938. Depois começou a decair. Sua decadência

⁵“Ao contrário do que se imagina, o capitalismo não destruiu os sistemas cognitivos que elegem mitos e símbolos para a interpretação do mundo. Ele acolheu esta construção social e associou à ela uma nova e vigorosa racionalidade econômica” (LUCHIARI, 2005, pg. 96).

começou em 40” (DAMATA, 1978, pg.11). O segundo período, iniciado efetivamente nos anos 1990, é marcado pela “revitalização⁶”. A Lapa de hoje será analisada através de observações participativas, da propaganda relacionada ao turismo e ao lazer cariocas, das ações empreendidas pelos poderes público e privado. Esta análise da Lapa, em dois momentos, será a via principal para a construção da idéia do que estamos chamando de “lugar do espetáculo”. O levantamento bibliográfico terá continuidade. Executaremos trabalhos de campo, entrevistando frequentadores e moradores, além de lançarmos mão da observação participativa⁷.

3. O LUGAR DO ESPETÁCULO

O lugar é materialidade, nos apresenta uma morfologia espacial, nós vemos e sentimos. Portanto, se também sentimos, o lugar não é só materialidade, está também envolto e produzido por significados. “To understand place requires that we have access to both, an objective and a subjective reality (...) Place is best viewed from points in between” (ENTRIKIN, 1991, pg.5). É justamente da tensão entre a subjetividade e a objetividade, que nasce o lugar composto pela dimensão material, a localização dos objetos e sua distribuição objetiva no espaço e pela dimensão abstrata, que trata dos significados que dão sentido à própria arrumação dos objetos e das pessoas nesta porção do espaço.

O incremento das estruturas de circulação pela globalização nos conduz ao desafio de repensar o lugar, já que a uma maior globalidade, corresponde uma maior individualidade (SANTOS, 2002). A tentativa de reconstrução de significados que existiram em certos locais, antes degradados e que passam pelo que se vem chamando de “revitalização”. “...ressurreição artificial nos sistemas de signos” (BAUDRILLARD,1981, pg.9), nos parece uma via interessante para tratarmos do lugar. A Lapa nos parece um exemplo ilustrativo deste processo que vem se verificando em diversas partes do mundo.

⁶ Contemplaremos a discussão dessa idéia muito difundida atualmente e sua relação com outras, que talvez se adequem melhor ao caso da Lapa, como é o caso da “revalorização”.

⁷ Segundo (Costa, 1986), a observação participante proporciona os melhores resultados na obtenção de informações sobre comportamentos, discursos e acontecimentos observáveis, mas que passam despercebidos à consciência explícita dos atores sociais.

O espaço impregnado de significados transforma-se em lugar e quando percebemos que estes significados estão sendo, predominantemente produzidos a partir de uma lógica que está descolada dos seres humanos, já que possuem autonomia e só parecem humanas a partir de imagens produzidas⁸ artificialmente, impõe-se, a necessidade de novas reflexões e talvez, de novas abordagens conceituais que consigam traduzir esta realidade. “A particularidade do Eu é um produto patenteado (...) substituição do individual pelo estereótipo (...) nas fisionomias sinteticamente preparadas...” (ADORNO, 2007, pgs.56 & 58). “... o espetáculo é a afirmação da aparência...” (DEBORD, 1997, pg. 16). Assim, idéias como a indústria cultural e a sociedade do espetáculo⁹ podem nos ajudar a compreender como o lugar produzido a partir de uma lógica tributária da autonomia das mercadorias, se torna mercadoria e requer, portanto, a construção de novas dimensões em sua análise.

A geografia esteve no âmago das preocupações Internacional Situacionista, composta por pensadores e artistas que tinham em comum a luta...

“...contra o espetáculo, a cultura espetacular e a espetacularização em geral, ou seja, contra a não-participação, a alienação e a passividade da sociedade. Quando os habitantes passassem de simples espectadores a construtores, transformadores e “vivenciadores” de seus próprios espaços, isso sim impediria qualquer tipo de espetacularização urbana” (JACQUES, 2003, pgs.13 & 20).

A principal característica da produção do espetáculo é a não participação, momento em que o cidadão deixa de ser sujeito efetivo¹⁰ do processo de produção da cidade. “O espetáculo consiste na recomposição, no plano da imagem¹¹, dos aspectos separados. Tudo o que falta à vida acha-se no conjunto de representações independentes que é o espetáculo” (JAPPE, 2008, pg.17). O espaço urbano produzido a revelia do indivíduo torna-se a própria negação do urbano¹², sendo que o estranhamento, conclusão natural deste processo, será dissipado (ou camuflado) pelas

⁸ “...coisas concretas são automaticamente senhoras da vida social” (DEBORD, 1997, pg.216).

⁹ “Tanto a Indústria Cultural como o espetáculo se baseiam na identificação do espectador às imagens que lhe são propostas, o que equivale à renúncia em viver em primeira pessoa. (JAPPE, 1995, pg.7)

¹⁰ “...para viver a vida de forma direta” (IS N°1, 1958, In: JACQUES, 2003, pg. 61).

¹¹ “Esta imagem é, além disso, necessariamente falsificada” (JAPPE, 2008, pg. 18).

¹² “...uma sociedade onde a participação só pode ser dirigida para algo de que é impossível participar (...) e que não saberia tolerar a atração autêntica sob nenhuma de suas formas” (IS n°6, 1961, In: JACQUES, pg. 138).

forças que regem este espetáculo. É a partir deste processo de “camuflagem”, de uma representação falsificada da realidade, exemplificada aqui, pela Lapa, que tentaremos construir o conceito de “lugar do espetáculo”. “... o problema reside na independência atingida por essas representações que escapam ao controle dos homens e lhes falam sob a forma de monólogo, banindo da vida qualquer diálogo. Elas nascem da prática social coletiva, mas comportam-se como seres independentes” (JAPPE, 2008, pg.19).

O espetáculo arrasta o indivíduo e através de suas imagens e representações o sujeito torna-se objeto, ainda que tenha a sensação de estar no comando da ação. A criação de hábitos, necessidades e estereótipos e a absorção destes, constituem o círculo vicioso que afasta o indivíduo de uma vivência consciente. A mercantilização da cidade torna-se a expressão mais palpável da compra e venda da própria vida do indivíduo pelo espetáculo. O método de superação do espetáculo proposto pelos situacionistas foi conceituado como “desvio”. O desvio (do tempo no tempo vivido) seria a apropriação, pelo indivíduo, de seu próprio tempo de vida, um indivíduo capaz de efetivamente construir situações para além do controle exercido pelo espetáculo.

Apoiado na Indústria cultural, o espetáculo amplia indefinidamente as possibilidades de falsificação das experiências urbanas e da própria consciência do indivíduo. Neste verdadeiro mercado de abstrações, o indivíduo só recebe a oportunidade de se sentir incluído, enganado na sua condição de ser livre para escolher o que fazer e de como se sentir em cada local. A relação entre os indivíduos torna-se, em grande parte, mediatizada por imagens e mercadorias. É exatamente com esta capacidade do espetáculo em transformar processos sociais em coisas a serem vendidas, que se relaciona o conceito de “reificação” proposto por Georg Lukács. “A essência da estrutura da mercadoria (...) baseia-se no fato de uma relação entre pessoas tomar o caráter de uma coisa” (LUCÁKS, 2003, pg. 194). Através de alguns procedimentos, dentre os quais inclui-se a necessidade da forma mercantil invadir “...as manifestações vitais da sociedade e remodelar tais manifestações à sua própria imagem” (LUKÁCS, 2003, pg.196), a mercadoria torna-se categoria universal de todo ser social. É nessa relação de submissão que se produz o homem reificado, do qual a passividade é uma das principais características. Da mesma forma, o local vendido como lugar, transformado em mercadoria, no qual as relações sociais se estabelecem

através da reprodução de comportamentos e ambientes emoldurados em sua própria história, como é o caso da Lapa, torna-se um espaço reificado.

“...a apropriação privada de recursos materiais historicamente acumulados (...) nas políticas culturais contemporâneas, encontram-se em operação processos que tanto atualizam, parcialmente, acervos históricos e naturais quanto conectam esses acervos a orientações de consumo e a dados selecionados da cultura popular e espontânea (...) transformação em mercadorias da própria riqueza presente na vida coletiva (RIBEIRO, 1995, pg.63).

4. LAPA: O BAIRRO BOÊMIO, A DECADÊNCIA E O SIMULACRO DA BOEMIA.

“Aqui, o mais bobo acende o cigarro no relâmpago” (ANTÔNIO, 1976; in: LUSTOSA, 2001, pg. 138).

A revitalização da Lapa, a princípio, seria um projeto aprovado por todos. Qualquer ação pública que executasse melhorias, ainda mais em um bairro tão emblemático, seria objeto de aplauso. Todavia, o que se verifica é uma revalorização, da qual fazem parte cadeias de entretenimento e restaurantes famosos. Evocar a tradição de boemia do bairro foi a primeira medida tomada pela publicidade, para tornar a Lapa rentável.

“...esses discursos são, freqüentemente, tão artificiais como as coisas que explicam e tão enviesados como as ações que ensejam (...) Diante de nós, temos, hoje, possível (e freqüente), com a falsificação do evento, o triunfo da apresentação sobre a significação, ainda que reclamando uma ancoragem” (SANTOS, 1994, pg.20).

O governo não aprovava a Lapa “com seus cortiços, pensões, casas de lazer barato, hábitos e costumes pouco elegantes e mesmo reprováveis...” (COSTA, 1993, pg. 89).

“Vieram logo depois o fechamento dos prostíbulos e a decretação da ilegalidade do jogo. Os malandros iriam ficar por ali, esperando o quê? Dispersaram-se, empobreceram, arribaram nos subúrbios, em casas de parentes humildes que os esperavam, cheios de fé, com uma cama por forrar e um prato a mais a pôr na mesa” (LUSTOSA, 2001, pg. 5).

Nas proximidades da Lapa, ficava o quartel da Polícia Especial. Não foi difícil dispersar malandros, intelectuais, opositores do regime e fechar cabarés. “Escritores e jornalistas, artistas plásticos e poetas, faziam da Lapa o local de seus encontros de todas as noites. Nos prostíbulos, nos cabarés e nos bares (...) achavam tempo para comentar os novos livros e “malhar” o colega ausente” (RANGEL, 1965, in: DAMATA, 1978, pg. 89).

O bairro de madame Satã, famoso pela malandragem, crimes, drogas, jogo e prostituição, era frequentado por políticos, artistas, estudantes (de Direito, especialmente), travestis, servindo inclusive de moradia a vários deles. Hoje, a Lapa está perfeitamente inserida no roteiro carioca do turismo e do entretenimento, como ambiente pretensamente ligado às raízes do Rio de Janeiro. “As diferenças temporais entre o passado, o presente e o futuro são aniquiladas graças aos simulacros dessa atualização” (JEUDY, 2005, pg.16). As caricaturas do “malandro” e da “boemia” estão estampadas nas boates e restaurantes, que são, basicamente, os mesmos da Zona Sul e da Barra da Tijuca, mas que na Lapa assumem uma “identidade mais carioca”.

“A região tem cerca de 400 bares, restaurantes e casas de shows. Só na Rua do Lavradio, a Associação Pólo Novo Rio Antigo, registra que, de 2003 para este ano, o total de opções saltou de 13 para 24. A “Parada da Lapa”, chopperia com espaço para pequenos shows, está colada ao aqueduto, símbolo do bairro. O Rio Scenarium que chega a receber 2mil clientes em uma noite, inaugurou uma nova área anexa para 400 pessoas. Principal articulador da revitalização da Lavradio, hoje um dos pólos de música e gastronomia, Plínio Froes, sócio da Rio Scenarium e da cachaçaria Mangue Seco, prepara a inauguração da 3ª casa do grupo, o restaurante Santo Scenarium. “Existem prédios comerciais e condomínios sendo construídos ao redor da Lapa. O movimento vai aumentar muito”, prevê Fróes. O investimento das construtoras é um bom termômetro do que pode acontecer por ali. De acordo com a Associação de Dirigentes de Empresas do Mercado Imobiliário, desde 2005 foram lançadas na Lapa 866 novas moradias. No mesmo período, Botafogo teve lançamento de 623 residências”¹³

O apelo ao principal símbolo do bairro, os arcos, como cenário para emoldurar o comércio, é tão perceptível quanto os nomes que evocam o passado genuinamente boêmio. Algumas das casas mais famosas da Lapa de hoje, o “Rio Scenarium” e o “Santo Scenarium”, parecem definir a essência da cidade mercadoria e do lugar do espetáculo. “A apologia das mercadorias sempre iguais sob etiquetas diferentes (...) a mesma coisa aparece em lugares inumeráveis...” (ADORNO, 2007, pgs. 63,68). O

¹³ Revista Carta Capital, número 456, Agosto, 2007).

cenário é modificado a partir dos símbolos que transformam o espaço em lugar(?), de acordo com o ritmo do comércio. Nomes como “Sacrilégio” e “Carioca da Gema”, também nos permitem concluir que seja através do estigma de “lugar do pecado” ou da idéia de que estamos no ambiente “tipicamente” carioca, a chamada sempre evoca os significados vividos em uma outra Lapa. Este processo de “transfiguração da “alma própria” (SOUZA, 1989, pg.165), de montagem do cenário (noturno) da Lapa “boêmia” para o turismo e o lazer, atinge o auge no final dos anos 90. Todavia, identifica-se o início deste processo uma década antes.

“É óbvio que, sendo as bases materiais do bairro clássico minadas pela dinâmica envolvente ou pela cirurgia urbana pura e simples, não é o conteúdo interacional o único a ser vitimado; e a descaracterização do conteúdo composicional reflete-se mesmo no enfraquecimento do conteúdo simbólico. Para exemplificar com o Rio de Janeiro, fiquemos com a velha Lapa boêmia, desmantelada após décadas de perseguição à malandragem e cirurgias urbanas, e finalmente tendo seu estigma de “lugar do pecado” “domesticado” nos anos 80, com sua vida noturna sendo grandemente avivada e apropriada pela classe média” (SOUZA, 1989, pg.164).

Durante o dia, sem o glamour das “empresas” da noite, o bairro é pobre, sujo e inseguro. Em geral, os moradores só têm contato com a Lapa do dia. A da noite, não é para eles. A exceção fica por conta das novas construções imobiliárias, que não são para os moradores que já estavam na Lapa. Os frequentadores da Lapa “boêmia” são principalmente turistas e jovens das classes média e média-alta. Neste processo de revalorização do bairro, foi o Estado que “...elaborou o projeto “Distrito Cultural da Lapa”. Ele previa ações dos governos municipal e estadual na iluminação, segurança, limpeza, sinalização e estacionamento...”¹⁴. Para que o espetáculo não sofra com os problemas da realidade do bairro, as casas de shows contratam seguranças particulares, inclusive para fazer a segurança externa. Uma diretora de um desses estabelecimentos comenta que é normal “...os seguranças acompanharem as pessoas até o estacionamento. Ontem tivemos muitos assaltos na fila dos ingressos”.¹⁵ No entanto a “revitalização” não lembrou, mesmo tendo participação do Estado, daqueles que já moravam na Lapa. “...o reforço de policiamento ocorre somente à noite...”¹⁶. O

¹⁴ Jornal O Globo – 21 de Agosto de 2008.

¹⁵ Id.

¹⁶ Jornal O Globo – 22 de Agosto de 2008.

próprio secretário municipal de Assistência Social admite “que existe ali uma gangue que vende e usa droga à luz do dia. É uma quadrilha formada. Se nada for feito, vai acontecer uma tragédia maior. A Lapa pode vir a ser a Candelária de 2008”¹⁷. O discurso, bem diferente daquele dos empresários que atuam na venda da “Lapa Boêmia”, é verificado na prática: “...o cenário que a equipe do O Globo flagrou na tarde de ontem denunciava a permanência do estado de abandono da área. Grupos de moradores de rua, entre eles muitos menores de idade, cheirando cola de sapateiro e solvente sem ser incomodados por qualquer policial”¹⁸.

Este cenário, que não possui o *glamour* do *scenarium* da noite, nos move a tentar compreender a produção do “lugar do espetáculo”. “Na virada do milênio, iniciou-se um processo de valorização da memória das cidades no Brasil. Uma das questões que surgem a partir da constatação desta tendência é o que está por trás da valorização atual do passado” (ABREU, 1998, pg. 6). Não estamos condenando a retomada de investimentos na Lapa, nem o fato de ter voltado a ser um ponto fundamental de diversão carioca. Pretendemos promover uma reflexão a cerca do sentido desta “revitalização” e sobre como ela é vendida.

5. BIBLIOGRAFIA CITADA

ABREU, M. *Sobre a memória das cidades*. Rev. Território, UFRJ, III, n.4.1998.

ADORNO, T. *Indústria cultural e sociedade*. Paz e Terra. 4ªEd. São Paulo. 2007.

ANTÔNIO, João. *Joãozinho da Babilônia*. In: LUSTOSA, I. 2001. Lapa do Desterro e do desvario. Casa da Palavra. Rio de Janeiro.1976.

BAUDRILLARD, Jean. *Simulacros e Simulação*. Relógio d'água. Lisboa. 1981.

COSTA, A. F. da. *A Pesquisa de Terreno em Sociologia*. In: Silva, A. S. & Pinto, J.M. Metodologia das Ciências Sociais. Edições Afrontamento, pp.128-148. Porto. 1986.

¹⁷ Id.

¹⁸ Id.

COSTA, Rosalina. *Em busca do espaço perdido: a reconstrução das identidades espaciais do bairro da Lapa na cidade do Rio de Janeiro*. Dissertação de Mestrado. Depto. de Geografia – UFRJ. 1993.

DAMATA, G. *Antologia da Lapa: vida boêmia no Rio de ontem*. Codecri.1978.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Editora Contraponto. 1997.

DURÃO, F. ZUIN. A & VAZ. A. *A indústria cultural hoje*. Boitempo. 2008.

ENTRIKIN, J.N. *The betweenness of place*. Macmillan Education. London. 1991.

INTERNATIONALE SITUACIONNISTE. Nº 1 (1958) , Nº 3 (1959) ,Nº 6 (1961).

JACQUES, P.B. *Apologia da Deriva. Escritos Situacionistas sobre a cidade*. Casa da Palavra. Rio de Janeiro. 2003.

JAPPE, A. O “fim da arte” segundo Adorno e Debord. Rev. Krisis, nº 15.

_____. 2008. *Guy Debord*. Antígona. Lisboa. 1995.

JEUDY, Henri Pierre. *Espelho das cidades*. Casa da Palavra. Rio de Janeiro. 2005.

KHEL, Maria R. *O espetáculo como meio de subjetivação*. Estudos Gerais da Psicanálise: Segundo Encontro Mundial, pp.1-6. Rio de Janeiro. 2003.

LEFÉBVRE, H. *Espaço e Política*. UFMG. Belo Horizonte. 2008.

LUCHIARI, M.T.D.P. *A reinvenção do patrimônio arquitetônico no consumo das cidades*. In: GEOUSP, Espaço e Tempo. Nº 17, pp. 95 –105. São Paulo. 2005.

LUKACS, Georg. *História e consciência de classe*. Martins Fontes. São Paulo. 2003.

LUSTOSA, I. *Lapa do Desterro e do Desvario*. Casa da Palavra. 2001.

MOREIRA, Clarissa da Costa. *A cidade contemporânea entre a tabula rasa e a preservação: cenários para o porto do Rio de Janeiro*. Ed.Unesp. São Paulo. 2004.

RANGEL, Lúcio. *A Lapa e a música popular*. In: DAMATA, G. 1978. Antologia da Lapa: vida boêmia no Rio de ontem. Codecri. Rio de Janeiro. 1965.

RIBEIRO, Ana C. Torres. *O espetáculo urbano no Rio de Janeiro: comunicação e promoção cultural*. Cadernos IPPUR – UFRJ, ano IX, n.1/4, Jan/Dez. 1995.

SANTOS, Milton. *Técnica, espaço, tempo, globalização e meio técnico-científico e informacional*. Hucitec. São Paulo. 1994.

_____. *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. Edusp. São Paulo. 2002.

SOUZA, Marcelo Lopes. *O bairro contemporâneo: Ensaio de abordagem política*. Revista Brasileira de Geografia, p.139-172. V.51. nº2. IBGE.Rio de Janeiro. 1989.

VANEIGEM, R. *A arte de viver para as novas gerações*. Conrad.São Paulo. 2002.

Material Complementar Consultado

Jornal O Globo – 21 e 22 de Agosto de 2008.

Revista Carta Capital, número 456, Agosto, 2007.

